

ERGÍLIA PINTO

Coimbra e os Estudantes

Conferência proferida no Salão Nobre
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
na noite de 18 de Agosto de 1943
aos alunos estrangeiros do Curso de Férias

COIMBRA / 1943

3 w

Coimbra e os Estudantes

bibRIA

DA MESMA AUTORA:

Rosas a abrir — (Poesias) — 1940.

Uma lição de música, poesia e dança — Teatro — 1941.

A SAIR BREVEMENTE:

Crónicas da Beira Litoral.

bibRIA

ERCÍLIA PINTO

Coimbra e os Estudantes

Conferência proferida no Salão Nobre
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
na noite de 18 de Agosto de 1943
aos alunos estrangeiros do Curso de Férias



COIMBRA / 1943

TODOS OS EXEMPLARES SÃO NUMERADOS
E RUBRICADOS PELA AUTORA

bibRIA

EDIÇÃO DA AUTORA

EX.^{MO} SENHOR DIRECTOR DO CURSO DE FÉRIAS
DESTA FACULDADE DE LETRAS,
MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES :

E u vou falar dos estudantes de Coimbra talvez a estudantes de Londres, de Paris, de Berlim, de Roma, de Madrid que vieram também a ser, durante um mês, estudantes da Lusa-Atenas.

E é natural que a V. Ex.^{as} que foram, possivelmente, estudantes das maiores cidades universitárias da Europa, o assunto desta minha despretenciosa palestra pareça, de certo modo, ingénuo e vulgar.

Enquanto a mim, faço-a convencida que ela interessará a estudantes estrangeiros, pois como V. Ex.^{as} vieram para Coimbra nas férias, quando a cidade se encontra completamente despovoada dos seus habituais íncolas — os estudantes — talvez não chegassem a ver o viveiro de capas negras a voar, o campo de concentração de escolares irrequietos e irreverentes que é Coimbra durante o tempo lectivo.

Daí eu querer dar-lhes uma imagem, ainda que rápida, do que é esta cidade dos rapazes portugueses, a vida tão cheia de pitoresco que aqui fazem, durante os anos do seu curso de doutores.

Como sabeis, todos os estudantes passam no estudo os anos mais felizes, mais despreocupados, mais sonhadores da existência. Os anos do nosso tempo de estudantes coincidem sempre, geralmente, com os anos da juventude, primavera da vida, onde tudo para nós são rosas sem espinhos, flôres, perfumes, sonhos, céus desanuviados, enfim, poesia...

Os horizontes carregados e sombrios, o pêso da cruz da vida só virão depois, quando acabarmos o curso, quando ficarmos senhores duma profissão. Portanto eu posso aqui afirmar que ao falar dos estudantes de Coimbra vou falar de certa maneira de poesia.

Quási todos os estudantes, porque são jôvens, são poetas, pois, todos nós, durante a juventude sentimos uma tendência irresistível para fazer versos. ¿ Quem não é poeta aos dezoito, e aos vinte anos? Quem nestas idades do sonho e da quimera não sente o coração e a alma a transbordar de poesia?

Todos, todos nós, e, especialmente, quando nos encontramos neste cenário de maravilha, nesta fonte eterna de inspiração que é Coimbra para os estudantes portugueses.

Portanto, eu nesta Faculdade de Letras, com a assistência dos mais ilustres professores universitários portugueses, nem por isso me sinto pouco à-vontade, pois se falar de Poesia é falar de fantasia... na opinião de alguma gente, as mulheres em fantasia são capazes de dar lições magistrais aos homens... Doutro modo, se me encontrasse aqui a falar de outra coisa, sentir-me-ia muito mais *baixinha* do que sou, imensamente desproporcionada com as *paredes tão altas* desta Faculdade.

Os estudantes de Coimbra não conhecem outro modo de dizer, outra maneira de jogar com as palavras, senão em verso. Êles choram e riem a cantar...

Uma antologia feita com tôdas as cantigas dos estudantes de Coimbra seria um livro simultâneamente volu-

moso e valoroso e seria, sobretudo, uma fonte de riso para aquêles que raramente sabem rir...

A maior parte dos poetas que V. Ex.^{as} estudaram na Literatura Portuguesa, durante o Curso de Férias, ensaiaram seus vãos poéticos aqui em Coimbra, a rir e a troçar em verso com os Lentes e com os condiscipulos.

Os estudantes de Coimbra são tão trocistas, tão brincalhões, tão engraçados nas partidas que fazem, que o nosso povo lhes dedicou esta quadra:

« Se viesse um vento norte,
Que levasse os estudantes,
Ficava a cidade limpa
De marotos e tratantes!... »

Na verdade, os estudantes de Coimbra, tiram partido de tudo com que se metem a brincar...

Uma vez, numa récita de despedida de quintanistas, pensaram em parodiar o mais belo soneto de CAMÕES que, segundo a tradição, também muito brincara em verso... durante o seu tempo de estudante, aqui em Coimbra. E se bem o pensaram, melhor o fizeram. Nessa récita de despedida que geralmente é de troça aos Lentes e aos condiscipulos um estudante parodiando êsse soneto tão belo de CAMÕES

Alma minha gentil que te partiste...
etc., etc. ...

fêz a seguinte composição poética que dedicara a outro estudante que fazia o papel de *rainha* na peça:

« Se lá no régio assento a que subiste,
Memória dum pelintra se consente,
Envia-me tu, já, pela servente,
Os dois mil reis que em tempo me pediste! »

E nas récitas de despedida de quintanistas tudo era dêste teor trocista e ridicularizante.

Outra vez, tendo morrido em Lisboa, D. Fernando II, o rei artista, pai de D. Luiz I, foi daqui uma embaixada de estudantes representar a academia de Coimbra nos funerais reais. Mas como nêsse tempo já havia grandes entusiastas da República, dentro da academia, os estudantes republicanos revoltaram-se contra a representação da academia de Coimbra no funeral dum rei. Logo fizeram os republicanos uma reunião na antiga igreja da Trindade, ao tempo teatro de amadores, para, segundo êles diziam, levantarem o *nível* moral da academia, que segundo a opinião dos estudantes republicanos, descera a ponto de mandar uma embaixada ao funeral dum rei...

É claro que, os estudantes monárquicos ao saberem dessa reunião lançaram uma gargalhada geral e logo um dêles, o escritor ANTÔNIO CABRAL, ainda hoje vivo, lhe dedicara um *poema épico*, de troça, feito à semelhança dos *Lusiadas* e que, como êstes, começava assim:

« Os Caires e os Levis assinalados
Que são cá da *Briosa* o ornamento;
Os Claros e os Fernandes desgraçados
Que são muito mais finos que um jumento;
Os Pir's de Lima e outros mal-creados,
Que ergueram, na Trindade, um vão lamento
Cantando espalharei por tôda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.

II

Cessem do sábio Mota e Lomelino
As asneiras incríveis que disseram;
Cale-se da cebola e do pepino
A fama das saladas que fizeram;
Que eu canto o *nível* alto, o nível fino,
Que êles alevantar tanto quiseram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outra asneira mais alta se levanta.

Estavas, ó Biosa, em bom socêgo,
 Da *sebenta* colhendo o *doce* fruto,
 Naquele estado tolo, bruto e cego,
 Que os RR não deixam durar muito ;
 Nesta imunda princesa do Mondego,
 Que vai agora d'aguas pouco enxuto,
 Ensinando às sopeiras e serventes
 O que tinhas aprendido co'os teus lentes ».

.....

A êste poema deu o autor o nome de *Niveleida*.

E assim sempre riram e brincaram em verso ... os estudantes de Coimbra. Aqui encontram-se versos de estudantes por tôda a parte: pelos jardins, gravados a golpes de canivete nos troncos das árvores; pelos livros de estudo; pelas mesas; pelas carteiras; pelas paredes interiores das *repúblicas*. Quando o estudante de Coimbra ridiculariza, usa da sátira; quando quer exprimir um sentimento de amor, faz um soneto; quando quer cantar a saúdade, usa a canção; quando quer divertir-se com as tricanas, dedica-lhes quadras para cantarem com êles nas fogueiras de S. João, etc.

Mas as instituições académicas mais interessantes de Coimbra são as *repúblicas*.

As *repúblicas* são organizações típicas da academia coimbrã. A sua fundação vem da Idade-Média, chegando até nossos dias, embora nestes últimos anos tenham passado por uma fase de decadência, visto, ultimamente, os tempos não terem sido muito favoráveis às *repúblicas* ...

E agora com a construção da nova Cidade Universitária até os *paços* dessas *repúblicas* dos estudantes « *sui generis* » de Coimbra, isto é, os próprios edificios que albergavam essas verdadeiras famílias académicas, sofreram a acção demolidora do camartelo que, assim como destruíra as últimas recordações que prendiam à vida o

velho *herbanário* da « Morgadinha dos Canaviais », êsse personagem tão simpático que o génio lírico de JÚLIO DINIZ criara, assim também êsse mesmo camartelo, impiedoso e insensível, quisera matar tantas e tantas lembranças de gerações académicas que passaram por esta Coimbra, ao mesmo tempo tão velhinha e tão môça, e tão venerada de todos os portugueses.

Ainda há dias, ao passar aqui por detrás da Faculdade de Letras, eu vi, com que desamor, com que indiferença e crueldade os *trolhas* se encarniçavam contra os *paços* dessas velhas repúblicas académicas, deitando abaixo a *golpes de picareta* essas saúdosas paredes que tão carinhosamente albergaram uma mocidade escolar muito mais feliz, muito menos *sacrificada* do que a de hoje... Os *paços* dessas *repúblicas* já não são mais que uns montões de ruínas e de calça atiradas para qualquer depósito de lixo da cidade!

Que saúdades, que dôres de alma, não sentirão os estudantes que viveram nesses lares comuns, onde reinava quási sempre, a mais leal camaradagem, ao virem, como é costume, matar saúdades a Coimbra e não encontrarem, das suas queridas *repúblicas*, nem mesmo os alicerces!

De-certo, êsses ex-estudantes, como o *herbanário* de JÚLIO DINIZ, amaldiçoarão o Progresso... que lhes deitara por terra as casas que lhes serviram de asilo à sua irrequieta juventude, aos seus sonhos, às suas quimeras, às suas brincadeiras...

Mas, rapazes de ontem, velhos de hoje, já não têm remédio as vossas lágrimas de saudade!

Dessas vossas *repúblicas* da mocidade académica, já nada resta, a não ser ainda uma reminiscência nas vossas almas! E no lugar delas vós vereis, em breve, edifícios grandiosos, monumentais, a fazerem parte dessa nova Cidade Universitária que Salazar oferece às gerações dêsse Mundo Novo que nos andam para aí a prometer...

Enquanto outros andam empenhados em destruir a *Bomba* o Mundo Velho, aqui destroi-se a Velha-Alta a *picareta*, para, de certo modo, acompanharmos, na paz, a reconstrução do tão falado Mundo Novo, no qual todos nós andamos esperançados...

E a nossa geração que ainda sonhou, cantou e brincou pelas estreitas e pacatas ruas desta acrópole, tem saudades, é certo, dêsses tempos que vão e não voltam, mas não deixará de receber de bom grado a nova Cidade Universitária Portuguesa que foi, que é e há-de ser sempre esta Coimbra Eterna!

A vida, como sabeis, é uma renovação constante. E Coimbra quer renovar seu corpo para poder servir condignamente de templo a um espírito também novo que deverá, naturalmente, também surgir com a cidade nova.

Está bem que se trate de arranjar e modernizar a fachada de Coimbra. Mas que não se esqueçam de, paralelamente, lhe tratarem do espírito que está tão *velho* como as *seben-tas*... e as casas velhas que para aí andam a deitar abaixo...

Como vêem V. Ex.^{as}, reina aqui na Alta, presentemente, um barulho infernal de camartelos! Caiu aqui uma verdadeira *chuva de picaretas*! Aquele silêncio que aqui sempre existiu tão favorável ao Sentimento e ao Pensamento, enfim, à Poesia e à Ciência, transformou-se agora neste infernal ruído de destruição que tanto nos fere as membranas do tímpano...

Aos estudantes nacionais, ao menos, ainda pouparam o *ruído das picaretas*, mandando fazer êste *antipático* trabalho destruidor, nas férias, quando quási todos os estudantes e professores se encontram nas praias e nos campos

«naquêl engano de alma ledô e cegô
que a fortuna não deixa durar muito...»

Mas os estudantes estrangeiros, os dos Cursos de Férias, com os sacrificados professores que os ensinaram, é que tiveram de assistir a estas *derrocadas*, que, de vez em quando, os levavam a mandar fechar *hermeticamente* as janelas interiores e exteriores das aulas para que suas vozes humanas se pudessem distinguir das *vozes deshumanas* dos camartelos!...

Mas nós, os alunos do Curso de Férias, daremos estes sacrifícios todos por bem empregados (ou nós não pertencêssemos à *geração sacrificada*...) se amanhã virmos esta nossa idolatrada Coimbra renovada de corpo e alma.

E também fazemos votos que paralelamente à Cidade Universitária Nova renasçam as *repúblicas-novas* onde a *boas graças* e as *boas partidas* saíam tão espontâneas como saíam das *repúblicas-velhas* que tão célebres ficaram na história da academia de Coimbra.

Por essas *repúblicas-velhas* passaram grandes romancistas, jornalistas, poetas, políticos, etc. que foram a honra e o orgulho do Portugal-Velho. Ainda me lembra de ouvir falar aqui muito em Coimbra da *República dos Grilos*. Dizia-se que por ela, tinham passado muitos homens ilustres, muitos dos quais ainda hoje vivem, para bem da Nação Portuguesa.

A organização interna e a economia doméstica das *repúblicas* dos estudantes de Coimbra, são muito interessantes.

Em primeiro lugar arrendam a casa, levando cada um para ela, a mobília do seu quarto que consta apenas de uma cama de ferro, uma mesa e uma cadeira (mobília de estudante). Depois arranjam uma criada para ir à praça fazer-lhes as compras. Em seguida pelos diversos estudantes daquela comunidade académica, repartem os cargos que cada um tem de exercer para uma boa administração interna. Um é eleito presidente que fará as vezes do « pater familias » da *república*. Outro é o dispenseiro,

outro o tesoureiro e ainda outro fica encarregado dos *negócios diplomáticos* fora da *república*, escolhendo-se sempre o estudante que tenha mais eloquência para usar de crédito nos tempos difíceis dos fins dos meses, quando as mesadas dos pais parecem levar anos a chegar a Coimbra, vindo encontrar já, muitas vezes, a maior parte dos poucos móveis e peças de roupa, no prego ...

E assim, despreocupadamente, contando sempre com a mesada certa dos pais, os estudantes de Coimbra levam o estudo a rir e a troçar, sem preocupações de maior, a não ser a dos livros, quando a têm ...

Mas êsse rir e êsse cantar dos estudantes de Coimbra têm sempre aquele cunho fidalgo que tanto caracteriza a *Briosa*, nome com que êles, com tanta ufania, designam a sua academia, cujas tradições andam tão intimamente ligadas às da cidade do Mondego.

São os estudantes que, a cantar, têm espalhado por tôda a parte as belezas inefáveis de Coimbra. À França, ao Brasil, à Espanha, aos Açores, etc., etc., têm ido êles em romagens artísticas levar e dar a conhecer os encantos da Cidade Universitária Portuguesa que êles imortalizaram em cantigas como estas: (1)

« Estavas Coimbra à espera
De quem não prometeu vir.
Cheguei agora e prometo
Nunca mais de cá sair ».

« Meu amor é quintanista
Anda a formar-se em Direito,
Traz uma pasta na mão,
Mas a mim traz-me no peito. »

« Quero cá meu coração
Inteirinho como dantes ...
Adeus, coração, adeus,
Caiste em mão de estudantes. »

« Inês, senhora das lágrimas
Tu choraste tanto, tanto,
Que da Fonte dos Amores
Inda hoje corre o teu pranto. »

(1) Estas quadras foram escolhidas das *Cantigas de Coimbra* de António Homem de Melo, de Águeda

« Tu moras lá para a Alta
Eu na Baixa, ó minha vida.
Vou lá, parece que desço,
Mas na volta, aí que subida! »

« O manjar branco é de Celas
E de Coimbra a arrufada;
Do Mondego, areias de ouro,
De ti, cantigas... mais nada. »

« Engeitei um quintanista,
— Vai-se embora para o ano.
Um caloíro é outra loiça:
Tarda mais o desengano. »

« Ao Penedo da Saúde
Todos se vão recordar.
Todos dizem: "bem me lembro!"
Quantos voltam a chorar! »

« Passas, Mondego, em Coimbra
Para a Figueira a correr.
Quem te dera voltar logo,
Para a tornares a ver! »

« Por ela me ter fugido
Vivo agora triste frade
Numa cela do "Convento
Do Penedo da Saúde". »

« Coimbra tem três Penedos:
É um da Meditação,
O segundo, da Saúde
Terceiro o teu coração. »

« Ai! já de mim te não lembras!
Ê a paga que me dás...
Estudante — amor andante
Que não olha para trás... »

.....

E assim, com estas e outras cantigas, foram os estudantes que tornaram conhecida, por todo o mundo, esta Coimbra Eterna!

Coimbra! Ao ouvir o teu nome não há ninguém que não te imagine uma cidade de sonho, perdida em horizontes infindos de serranias e olivedos!

Sentada nesta linda serra, como rainha em trono, coroada pela Universidade que ostentas com garbo em tua formosa cabeça, tu continuas a ser o foco luminoso que irradia a luz para Portugal inteiro!

Eterna professora da juventude portuguesa, fonte milagrosa da Arte e da Ciência, como nos fazes sentir dentro de ti tanta poesia e nos embriagas com os teus encantos!

O teu porte distinto de senhora educada que nós contemplamos, extasiados, da outra margem do Mondego, será sempre uma imagem fixa na memória dos doutores que por ti passaram!

À volta da tua imagem gravitam e ficam associados os episódios mais palpantes duma mocidade académica, ruídsa, sonhadora e poética.

Foi no teu seio que as almas extremamente sensíveis dos maiores poetas portugueses aprenderam a traduzir, em versos imortais, a doçura e suavidade da tua paisagem encantadora, as lembranças vivas, os nobres sentimentos que lhes despertaste quando em ti viveram! Afirmam-no CAMÕES, ANTERO, JOÃO DE DEUS, ANTÓNIO NOBRE e tantos outros que aqui passaram a primavera da vida, com êsses versos tão doces, tão suaves, tão líricos que nós hoje ainda encontramos espalhados e ocultos por entre as folhagens do Penedo da Saúde! Foram êsses versos, pedaços de alma que êles aí deixaram cair quando por lá passaram! Foram orvalhos... suspiros... lágrimas... amores... saudades... que aí espontâneamente nasceram e floriram com o tempo! E ali vai a mocidade académica de todos os anos lectivos fazer as suas romagens poéticas, aspirar o aroma evulado dessas folhas caídas da alma, que, quanto mais ressequidas com o tempo, mais inebriante aroma exalam.

Oh! Quantas vezes nos inspiramos nessas culminâncias, onde, superiores ao mundo, os nossos olhares se estendem por panoramas vastos de serranias belas e o nosso pensamento parece voar, não sabemos para que ponto infinito do firmamento!

E quando descemos da Alta à Baixa, e atravessamos a ponte do Mondego, especialmente em noites belas de argênteo luar, que beleza de quadro, que intenso odor de poesia nos embriaga a alma!

Debruçados sôbre as águas murmurantes e cristalinas, olhando do outro lado do rio, a cidade, saído do escuro da noite, iluminada por miríades de lâmpadas em anfiteatro, parece que nos encontramos de joelhos e de mãos

postas em frente dum trono, totalmente aceso em noites de novena!

E o sacrário — a Universidade — lá está em cima, guardando o pão do espírito que tem alimentado gerações e gerações de doutores.

Coimbra! Viveiro de capas negras a voar! Serás sempre uma visão saudável que nos hás-de acompanhar pelo mundo além, nesse áspero caminho profissional que nos ensinaste!

Molhos de fitas, de côres garridas, ondulando ao vento nos braços dos estudantes, quantas esperanças representais, quantas aspirações definis! Galões encarnados, amarelos, azuis... fitas côr do sangue, do ouro, do céu, fixas nas pastas dos quintanistas, ficareis a ser o testemunho derradeiro da vida despreocupada, dos sonhos côr de rosa, das serenatas e cantigas de amor! Depois, essa mesma pasta rica, irá passar dos braços fogosos do estudante para as mãos delicadas da noiva que tanto se orgulha de ter por noivo um doutor de Coimbra!...

E êsses troféus, tão queridos da vida de estudante: a capa velhinha, o livro do curso com as caricaturas dos condiscípulos e respectivos versos, vão ser arquivados no cofre das lembranças, enquanto, eternamente, no fundo da alma do nóvel doutor, ficará, sempre vivo, êsse sentimento de doçura-amarga, que nós classificamos, tão português-mente, com o nome de Saudade!...

Coimbra, 18 de Agôsto de 1943.